

## AS CONTROVÉRSIAS SOBRE O RACISMO EM THE ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN: UM OLHAR SOBRE O USO DA PALAVRA ‘MULATA’ NA OBRA TRADUZIDA E NA REDE SOCIAL X

CONTROVERSIES ABOUT RACISM IN THE ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN: A LOOK AT THE USE OF THE WORD ‘MULATA’ IN THE TRANSLATED WORK AND ON SOCIAL MEDIA PLATFORM X

LAS CONTROVERSIAS SOBRE EL RACISMO EN LAS AVENTURAS DE HUCKLEBERRY FINN: UNA MIRADA AL USO DE LA PALABRA ‘MULATA’ EN LA OBRA TRADUCIDA Y EN LA RED SOCIAL X

Letícia Ellen Costa Lima<sup>1</sup>  
Nilson Roberto Barros da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo teve como objetivo analisar as ocorrências do vocábulo ‘mulata’ na tradução para o português da obra *As Aventuras de Huckleberry Finn* (1884), realizada por Rosaura Eichenberg (2011), bem como identificar as estratégias tradutórias utilizadas, à luz das técnicas propostas por Barbosa (2020). Além disso, buscou-se investigar o uso contemporâneo do termo na rede social X, a fim de observar as diferentes manifestações e interpretações associadas ao vocábulo na atualidade. O *corpus* da pesquisa é composto por três excertos do texto-fonte em inglês e suas respectivas traduções, além de três publicações coletadas na rede social mencionada. Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo, com base metodológica na Linguística de *Corpus*, utilizando-se o *software WordSmith Tools 6.0* (Scott, 2012) para coleta e organização dos dados. Como referencial teórico, foram adotados autores como Ramos (2018), Bagno (1999), Barbosa (2020), entre outros. Os resultados indicaram que o uso do termo ‘mulata’ na tradução analisada não apresenta caráter racista, sendo empregado com o intuito de preservar o sentido original da obra. Por outro lado, os dados do X revelam múltiplas percepções do termo, com destaque para a manifestações de denúncia em relação ao uso da palavra.

2952

**Palavras-chave:** Racismo. Tradução. Rede social.

**ABSTRACT:** This article aimed to analyze the occurrences of the term ‘mulata’ in the Portuguese translation of *The Adventures of Huckleberry Finn* (1884), carried out by Rosaura Eichenberg (2011), as well as to identify the translation strategies used, based on the techniques proposed by Barbosa (2020). Additionally, it sought to investigate the contemporary use of the term on the social media platform X, in order to observe the different manifestations and interpretations associated with the word today. The research corpus is composed of three excerpts from the source text in English and their respective translations, as well as three posts collected from the mentioned social network. This is a qualitative, descriptive study, methodologically based on Corpus Linguistics, and uses the software WordSmith Tools 6.0 (Scott, 2012) for data collection and organization. Theoretical references include authors such as Ramos (2018), Bagno (1999), and Barbosa (2020), among others. The results indicated that the use of the term ‘mulata’ in the analyzed translation does not carry a racist connotation, as it is employed to preserve the meaning of the source text. On the other hand, the data collected from the social media platform reveal multiple perceptions of the term, highlighting denunciations regarding its use.

**Keywords:** Racism. Translation. Social media.

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Graduada em Letras – Língua Inglesa.

<sup>2</sup> Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (USP, 2015). Professor do Departamento de Letras Estrangeiras e do Mestrado Acadêmico em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPCL/UERN); Líder do Grupo de Estudos da Tradução (GET/UERN).

**RESUMEN:** Este artículo tuvo como objetivo analizar las ocurrencias del término “mulata” en la traducción al portugués de la obra *Las Aventuras de Huckleberry Finn* (1884), realizada por Rosaura Eichenberg (2011), así como identificar las estrategias de traducción utilizadas, a la luz de las técnicas propuestas por Barbosa (2020). Además, se buscó investigar el uso contemporáneo del término en la red social X, con el fin de observar las distintas manifestaciones e interpretaciones asociadas a la palabra en la actualidad. El corpus de la investigación está compuesto por tres fragmentos del texto original en inglés y sus respectivas traducciones, además de tres publicaciones recopiladas en la red social mencionada. Se trata de un estudio cualitativo, de carácter descriptivo, con base metodológica en la Lingüística de Corpus, utilizando el software WordSmith Tools 6.0 (SCOTT, 2012) para la recolección y organización de los datos. Como marco teórico, se adoptaron obras de autores como Ramos (2018), Bagno (1999) y Barbosa (2020), entre otros. Los resultados indicaron que el uso del término “mulata” en la traducción analizada no presenta un carácter racista, ya que se emplea con el objetivo de preservar el sentido original de la obra. Por otro lado, los datos recogidos en la red social revelan múltiples percepciones del término, destacándose las manifestaciones de denuncia respecto a su uso.

**Palabras clave:** Racismo. Traducción. Redes sociales.

## INTRODUÇÃO

Embora seja considerada um clássico literário mundial, a obra ‘As aventuras de Huckleberry Finn’ (1884) foi alvo de muitas críticas, sobretudo no que diz respeito a termos racialmente pejorativos, como *nigger* (s) – tida como ofensiva e preconceituosa a pessoas negras.

Entretanto, pela obra situar-se em uma época na qual a escravidão ainda estava acontecendo nos Estados Unidos, alguns críticos literários como Adam Kirsch (2011) afirmam que apesar do uso da palavra *nigger* indicar certo racismo, Mark Twain utiliza o vocábulo a fim de mostrar como a sociedade tratava os negros na época. Sendo assim, muitos autores acreditam que o livro é um retrato da sociedade desse período e que a intenção do autor foi realizar uma projeção, tanto no que diz respeito à retratação dos personagens e seus comportamentos, quanto da própria linguagem. Desse modo, pode-se observar a obra como uma crítica à sociedade americana daquele período histórico.

Ainda hoje, com a utilização massiva das redes sociais, é possível observar resquícios desse tipo de linguagem inseridos na sociedade. Para exemplificar, pode-se citar os comentários vistos na rede social X, no qual se observa diariamente insultos que ilustram o erro do uso de expressões ofensivas e pejorativas por parte dos usuários. A exemplo disso, em 24 de novembro de 2021, Sérgio Camargo Nascimento usou o termo ‘mulata’ para se referir a Marielle Franco, ex-vereadora do PSOL que foi assassinada em 2018, no Rio de Janeiro. Nascimento utilizou sua conta do X para afirmar que a ex-vereadora ‘nunca foi preta e sim mulata’. A problemática nessa fala reside na origem etimológica do termo ‘mulata’, que remonta a palavra ‘mulo’ – do latim *mulus*, que se trata de um animal mamífero híbrido.

Isto posto, tendo como ferramenta exploratória a Linguística de *Corpus* (LC), o presente trabalho busca analisar dois trechos de uma tradução para o português brasileiro da obra ‘As aventuras de Huckeberry Finn’ (2011), realizada por Rosaura Eichenberg, com o intuito de analisar a tradução do item lexical ‘mulata’. Considerando que o livro possui um dialeto opressor e de viés racista, que era comumente utilizado na época, é feita uma análise contrastiva dos excertos da obra original em inglês com os traduzidos para o português. Paralelamente, também é analisado o mesmo vocábulo em dois *posts* do X, evidenciando diferentes perspectivas em torno do termo. Ressalta-se, ainda, que os *posts* foram selecionados no período anterior à mudança de nome da rede social, conhecida como *Twitter* na época.

Neste trabalho adota-se como base teórica os estudos de Barbosa (2020) sobre os procedimentos técnicos da tradução; utiliza-se também Bagno (1999) para falar sobre a variedade linguística; Sardinha (2000) e seu trabalho voltado à Linguística de *Corpus*; Nida (1991) e Munday (2016) sobre os estudos ligados à tradução, entre outros estudiosos.

Para direcionar e auxiliar no desenvolvimento dessa análise, considera-se as seguintes questões norteadoras a) os equivalentes em inglês do vocábulo ‘mulata’ demonstram que os trechos do texto-fonte possuem teor racista? b) quais estratégias tradutórias são utilizadas pela tradutora do texto-fonte? c) de que maneira o vocábulo ‘mulata’ se manifesta atualmente na rede social X e em quais contextos discursivos é empregado?

2954

No que se refere aos objetivos específicos do estudo, tem-se: a) verificar se os equivalentes em inglês da palavra ‘mulata’ indicam racismo no texto-fonte; b) verificar as estratégias tradutórias utilizadas pela tradutora do texto-fonte e c) averiguar de que maneira o vocábulo ‘mulata’ se manifesta atualmente na rede social X e em quais contextos discursivos é empregado.

Assim, considera-se que esse pode ser relevante para os estudos linguísticos por possibilitar observar, desvelar e discutir o preconceito racial que se encontra enraizado na sociedade brasileira, através dos aspectos da língua e da tradução.

## MÉTODOS

O presente trabalho consiste em um estudo de abordagem qualitativa do tipo descritivo e utiliza a Linguística de *Corpus* (LC) como ferramenta de investigação por se configurar como uma pesquisa baseada em *corpus*. Vale salientar que neste estudo a LC não é tida como abordagem, haja visto que é adotada somente como uma ferramenta para coleta dos dados

linguísticos investigados por meio do programa computacional *Word Smith Tools 6.0* (Scott, 2012).

O *corpus* é composto pelo romance *As Aventuras de Huckleberry Finn*, na versão original em inglês e em sua tradução para o português feita por Rosaura Eichenberg (2011), além de duas publicações da rede social X que contenham o vocábulo ‘mulata’ – palavra foco desta análise. O X foi a rede social escolhida devido à sua popularidade nos dias atuais, pois tornou-se um forte espaço de discussões sobre identidade, aspectos políticos e sociais.

Para análise dos dados linguísticos, adotou-se o *software WordSmith Tools 6.0* (Scott, 2012), especialmente as ferramentas *WordList*, *KeyWord* e *Concord* que estão presentes no programa, a fim de identificar padrões lexicais e contextos de uso do termo. Os trechos analisados foram convertidos para o formato *.txt* e alinhados com auxílio da ferramenta *Aligner* do próprio programa.

O estudo consiste na análise contrastiva da obra em inglês e português de *As Aventuras de Huckleberry Finn*, partindo das ocorrências da palavra ‘mulata’ e observando a linguagem preconceituosa. Na rede social X, os posts foram coletados por meio da ferramenta de busca, considerando apenas perfis públicos e postagens com ortografia padrão do termo.

Como se trata de uma análise de obras publicadas e dados públicos disponíveis na *internet*, esse estudo não envolveu pesquisa direta com seres humanos, não sendo necessária aprovação por comitê de ética, conforme as diretrizes vigentes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa seção, apresenta-se a análise dos dados do *corpus* de estudo ‘*As Aventuras de Huckleberry Finn*’ (1885), cujos dados foram coletados por meio do programa computacional *Word Smith Tools 6.0*. Além disso, são examinados os *posts* da rede social X, com o objetivo de discutir as ocorrências do vocábulo ‘mulata’.

Para a análise das estratégias de tradução utilizadas por Rosaura Eichenberg, adota-se como base teórica o trabalho de Barbosa (2020), intitulado *Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta*, que apresenta treze procedimentos: (1) a tradução palavra-por-palavra, (2) a tradução literal, (3) a transposição, (4) a modulação, (5) a equivalência, (6) a omissão vs. a explicitação, (7) a compensação, (8) a reconstrução de períodos, (9) as melhorias, (10) a transferência, (11) a explicação, (12) o decalque e (13) a adaptação.

A primeira parte desse estudo é dedicada a análise de dois trechos extraídos da obra original em inglês e sua respectiva tradução para o português brasileiro, as quais contêm o vocábulo ‘mulata’. Ademais, são discutidos os dois *posts* que foram selecionados para esse estudo. No fragmento abaixo (Quadro 1), pode-se observar o primeiro trecho analisado.

#### Quadro 1 - Primeiro trecho<sup>3</sup>

|     |   |
|-----|---|
| TLO | "Missus," comes a young yaller wench, "dey's a brass cannelstick miss'n." |
| TLT | Sinhá – chega uma jovem mulata –, tá fartando um castiçá de latão.        |

Fonte: *Corpus* de estudo.

No primeiro trecho dessa análise, Sally Phelps, tia de Tom Sawyer (amigo de Huck), se mostra preocupada e inquieta, pois, alguns objetos como uma colher e um lençol haviam sumido da casa. Nessa parte da narrativa, uma jovem escravizada vai ao encontro de sinhá Sally para explicar que um castiçal de latão também estava faltando, deixando a senhora Phelps ainda mais eufórica com o acontecido. Os sulistas, Sally e Silas Phelps, são agricultores que possuem uma plantação de algodão em uma fazenda e são donos de algumas pessoas escravizadas. Huck Finn encontra e conhece o casal quando sai em busca de Jim, que havia sido preso e capturado. Quando vai à plantação, o jovem Huck é confundido com Tom Sawyer pela família Phelps. Por acreditarem que se trata de seu sobrinho, o garoto é acolhido pelo casal.

2956

Na primeira parte do trecho, em (1) *Missus*, observa-se que o procedimento técnico que mais se aproxima é o de Adaptação (Barbosa, 2020), pois a palavra *Missus* não existe no inglês e no português, ela faz parte de um dialeto criado pelo autor Mark Twain em seu livro. Sendo assim, a tradutora necessita utilizar recursos do português brasileiro a fim de produzir o sentido do texto-fonte. É necessário salientar que a palavra ou gíria *yaller*, ligada à expressão *high yellow*, está relacionada a um indivíduo que possui ascendência branca e negra. Ao ler o fragmento do texto, percebe-se que o vocábulo é empregado e traduzido por ‘mulata’ no *corpus* em língua portuguesa.

Posteriormente, também se vê que o TLO (Texto de Língua de Origem) possui o uso do vocábulo *wench* → moça/garota em (2) *comes a young yaller wench*, traduzido para ‘chega uma jovem mulata’. Apesar de a palavra ‘moça’ não estar presente no TLT (Texto de Língua de

<sup>3</sup> Considerando-se que essa pesquisa se fundamenta na Linguística de *Corpus* e, conseqüentemente, utiliza um *corpus* eletrônico, não é possível obter a referência à página original da obra literária por meio da ferramenta computacional empregada.

Tradução), o sentido ainda é mantido e o leitor compreende tratar-se de alguém do gênero feminino ao observar a frase ‘jovem mulata’. É válido salientar que a palavra *wench*, advinda do *Middle English* – Inglês Médio, era comumente utilizada para referir-se a servas.

Adiante, no final do trecho, verifica-se mais uma vez o uso do procedimento técnico Adaptação (Barbosa, 2020). Isto, pois, as palavras presentes no TLO se apresentam também no texto em português, mas se adequam à gramática da língua alvo, como em (3) *dey's a brass cannelstick miss'n* → tá fartando um castiçá de latão. No excerto retirado da obra em língua inglesa, diferentemente da tradução, pode-se observar o uso do apóstrofo em *dey's* → ligado a governantes e *miss'n* → contração de *missing*. A diferença, então, diz respeito ao uso do apóstrofo no fragmento retirado da obra em língua inglesa que não possui a mesma função em português. Ainda nesse trecho, também observa-se o emprego da palavra ‘castiçá’, representando o dialeto coloquial e regional, referindo-se a ‘castiçal’, segundo a norma culta. Pode-se dizer que se trata de um estilo divergente de escrita, diferenciando-se das traduções brasileiras que tendem a uniformizar diferentes tipos de dialeto, especialmente os norte-americanos, por meio da norma do português brasileiro, embora haja ocorrência de variação da língua (Hanes, 2017). Em outras palavras, a língua portuguesa possui um padrão de escrita como qualquer outro idioma. Contudo, em alguns contextos, a variedade linguística passa a desconsiderada por não seguir a norma culta.

2957

Pode-se averiguar também que a jovem escrava é apontada como ‘mulata’. Atualmente, existem diversas discussões voltadas ao uso dessa palavra nas situações comunicativas, já que pode ser considerada uma ofensa às pessoas negras. Silva (2018) afirma que são dois os motivos que fazem com que os negros brasileiros se contraponham ao emprego do termo, especialmente ligado ao feminino. O primeiro diz respeito ao fator linguístico, pois acredita-se que a palavra deriva do latim *mulus*, atualizado por ‘mula’, que se refere a um animal originário de raças diferentes, visto como inferior. O outro motivo está ligado ao fator cultural, relacionado à ilusória ideia de democracia racial atinente à figura da mulher negra “através do corpo branqueado e hiperssexualizado” (Silva, 2018, p. 77). Apesar do tom pejorativo e racista observa-se que, em se tratando desse trecho, a palavra ‘mulata’ não é utilizada como forma de manifestar o preconceito racial TLT, mas mantém o mesmo sentido presente no TLO, que também não evidencia o preconceito racial.

Isto posto, é apresentado mais um trecho (Quadro 2) que possui a ocorrência da palavra ‘mulata’, equivalente a *yaller* no TLO.

Quadro 2 – Segundo trecho.

|     |  |
|-----|--|
| TLO | <i>You slide in, in the middle of the night, and hook that yaller girl's frock."</i> |
| TLT | Ocê entra escondido no meio da noite e pega o vestido daquela mulata.                |

Fonte: *Corpus* de estudo.

O trecho acima foi extraído de um contexto em que Tom e Huck estão conversando sobre roubar um vestido. O jovem Tom diz que Huck deve pegar o vestido da moça (mulata) escondido para que, com esse ‘disfarce’, leve uma carta e coloque-a por baixo da porta. Com receio, Huck diz que isso pode causar encrenca, já que é provável que a garota tenha somente um vestido. Desse modo, Huck questiona a Tom sobre o porquê de ele não utilizar sua própria roupa. Contudo, Tom diz que com suas vestes ele não iria parecer uma criada e assegura que tudo isso levaria somente cerca de quinze minutos.

No primeiro trecho do excerto, observa-se a aplicação do procedimento de Adaptação (Barbosa, 2020) na tradução de (1) *You slide in* para ‘Ocê entra escondido’. Inicialmente, destaca-se a utilização da expressão linguística ‘ocê’, abreviação informal de ‘você’. Apesar de muitas vezes ser vista como incorreta por afastar-se da norma-padrão, a expressão ‘ocê’ é uma variação legítima da língua portuguesa, pois é um idioma que possui diversidade significativa (Bagno, 1999). Desse modo, tendo em vista a adequação linguística e considerando que o procedimento utilizado permite alterações realizadas por meio de adaptações do material linguístico, observa-se que a morfologia do trecho foi adaptada para o TLT em português, mas o sentido presente no TLO permanece o mesmo.

Além disso, percebe-se que no TLT há o acréscimo do adjetivo ‘escondido’ em ‘entra escondido’, palavra ausente no texto de partida *you slide in* → você entra. Tendo em vista os procedimentos descritos por Barbosa (2020), a estratégia que melhor descreve esse acréscimo é a de Explicitação, pois torna evidentes certos elementos do texto-fonte no texto de chegada.

Adiante, em ‘no meio da noite’, equivalente a (2) *in the middle of the night*, verifica-se uma correspondência semântica na tradução para o português brasileiro, evidenciada pela



semelhança dos segmentos textuais. Considerando que ambas as frases possuem a mesma lógica semântica e também o conteúdo, compreende-se que o procedimento tradutório empregado se aproxima da Tradução Literal, descrita por Barbosa (2020) como uma forma de tradução que preserva a estrutura e o sentido do texto-fonte.

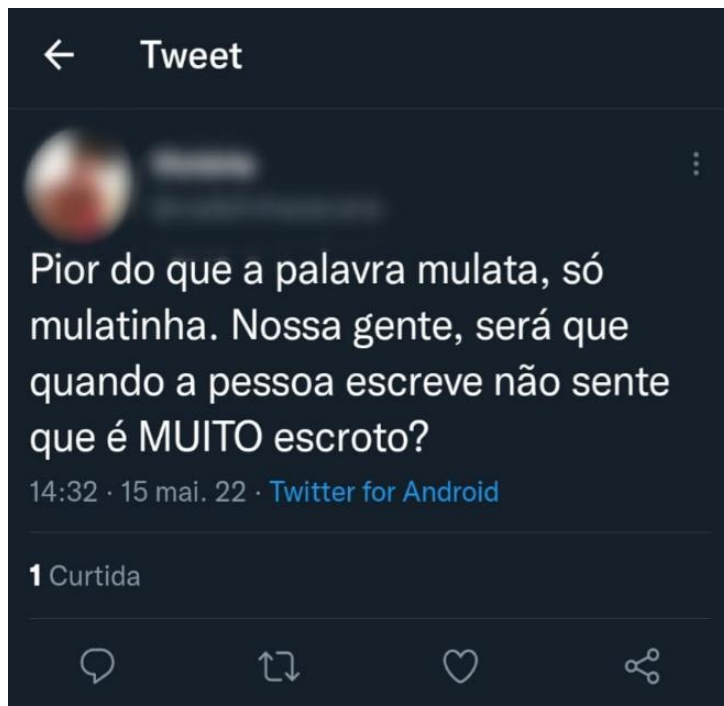
Posteriormente, na frase (3) *and hook that yaller girl's frock* → e pega o vestido daquela mulata, constata-se o uso da técnica de Adaptação (Barbosa, 2020). Essa conclusão decorre, primeiramente, pela ausência do apóstrofo na tradução para o português, como ocorre em língua inglesa em *girl's*. Tal escolha justifica-se pelo sinal gráfico (') possuir função diferente em cada idioma. Outrossim, no TLT, a palavra 'garota' (referente a *girl* no TLO) não é evidenciada na tradução, mas omitida no texto alvo. Nada obstante, essa supressão parece ser feita com o intuito de tornar o texto mais fluido, uma vez que 'daquela mulata' transmite a ideia de estar falando sobre uma moça, sem necessidade de maiores explicações. Nesse trecho, embora a palavra 'mulata' ter um histórico controverso, nota-se que ela não é citada como maneira de propagar o racismo, mas para referir-se a jovem. Apesar disso, a escolha da palavra em 'jovem mulata' produz certa demarcação, uma vez que a característica da personagem enfatiza algo sobre ela, mostrando que se trata de uma moça específica. Por fim, entende-se que, no trecho analisado, o vocábulo não é utilizado como forma de manifestar o racismo no TLT, assim como *yaller* também não carrega conotação racista no TLO.

Sendo assim, observa-se que a tradução do vocábulo 'yaller' para 'mulata' nos trechos analisados mostra as escolhas tradutórias que estão relacionadas, majoritariamente, à estratégia de Adaptação (Barbosa, 2020). Embora seja uma palavra com víeis racialmente pejorativo, seu emprego nos trechos analisados da obra não é atribuído a contextos racistas. A fim de aprofundar as reflexões sobre a adoção da palavra 'mulata', a seguir, são apresentados dois *posts* extraídos da rede social X, como forma de verificar como essa palavra é mobilizada nas esferas digitais.

Ao realizar uma pesquisa pela palavra 'mulata' no X, por meio da ferramenta 'busca', foi encontrado um *post* publicado no dia 15 de maio de 2022. Nessa publicação, um usuário afirma que fazer o uso do vocábulo é completamente inadequado, denunciando o caráter racista proveniente da palavra 'mulata' e também 'mulatinha'. Mediante essa busca, verificou-se um número expressivo ocorrências do vocábulo, estando fortemente presente nessa mídia social e sendo manifestada por meio de várias perspectivas, como se verifica no decorrer dessa análise.



**Figura 1** – Post sobre o termo ‘mulata’ na rede X.



Fonte: X (2022).

No *post* publicado no dia 15 de maio de 2022 (Figura 1), uma jovem negra se opõe ao uso do termo ‘mulata’. Sua fala é exemplo do pensamento de Ferreira e Quadrado (2020), os quais argumentam que as redes sociais “explicitaram a emergência de produção e de circulação de enunciados de protesto (contrapalavra), portanto, situações de enfrentamento, lutas políticas e ideológicas” (Ferreira; Quadrado, 2020, p. 420). Seguindo essa perspectiva, nota-se que, para além de rejeitar o uso do vocábulo, a usuária afirma que, além da palavra ‘mulata’ ser pejorativa, ela torna-se ainda mais ofensiva quando dita no diminutivo – ‘mulatinha’, pois o sufixo (inha) nesse contexto pode contribuir simbolicamente para diminuir a mulher negra, colocando-a em um local subalternizado. Diante disto, pode-se inferir que, nesse sentido, ‘mulatinha’ pode ser utilizado como ironia e meio para propagação de insulto racista. Isso demonstra que, por mais que existam discussões acerca da carga racista presente no vocábulo, para a mulher negra (diretamente afetada) o uso dessa palavra torna-se uma ofensa real.

No mesmo *post*, evidencia-se também uma espécie de conflito social, pois adotar palavras desse tipo aflige e afasta os indivíduos entre si. Nesse sentido, Munanga (2010) alega que “as diferenças percebidas entre “nós” e os “outros” constituem o ponto de partida para a formação de diversos tipos de preconceitos (Munanga, 2010, p. 03). Isso significa que estabelecer uma

fronteira social faz surgir os diversos tipos de discriminações que resultam na exclusão de determinados grupos sociais. Desse modo, compreender o outro e o efeito de discursos preconceituosos, faz com que se evite a perpetuação desse tipo de barreira existente na sociedade.

É relevante ressaltar que, ao analisar o *post* acima, verifica-se que a palavra ‘mulata’ não foi adotada de forma ultrajante e ofensiva pela usuária da rede, apesar de comentários insultuosos serem frequentemente vistos nas mídias digitais. Ao contrário disto, a jovem cita o termo como forma de manifestar sua aversão e seu ponto de vista contrário ao uso do vocábulo, afinal em redes sociais é possível manifestar, expressar opiniões próprias e analisar assuntos sob diversos aspectos (Ferreira; Quadrado, 2020).

Por fim, abaixo, é analisado o último *post* (Figura 2) selecionado contendo o vocábulo ‘mulata’.

**Figura 2** – *Post* de Sérgio Nascimento sobre Marielle Franco (2021).



A Figura 2 diz respeito a um *post* publicado pelo político brasileiro Sérgio Nascimento no ano de 2021. O *post* faz menção à socióloga e ex-vereadora do PSOL Marielle Franco, assassinada em março de 2018, no Rio de Janeiro. Pode-se dizer que este foi um dos *posts* norteadores do trabalho, pois possibilita a reflexão acerca do emprego do termo ‘mulata’ nos dias atuais. Antes do mais, é válido destacar que essa publicação não se encontra mais disponível na conta de Sérgio, já que, possivelmente, foi deletada. Por este motivo, foi necessário recorrer a *sites*<sup>4</sup> que possuíam a imagem da publicação a fim de discuti-lo neste trabalho.

De início, Sérgio Nascimento afirma que a socióloga nunca foi preta, mas sim mulata. Sua justificativa vai além de simplesmente adotar e resgatar esse termo pois, segundo ele, o conceito racista ligado ao vocábulo é uma ideia criada pela Esquerda. Para além disso, Sérgio ainda reitera seu argumento em um comentário na sua própria publicação e diz elogiar Marielle, propondo que a mesma “seja uma musa de uma eventual campanha de resgate da dignidade de expressão” e ainda utiliza uma espécie de celo com a frase “preta *fake*” na fotografia.

Apesar de ser um homem negro defendendo esse pensamento com relação ao termo, é necessário refletir sobre a seguinte questão: sabendo que as palavras são manifestações de convicções e tendo em vista a carga semântica que o vocábulo ‘mulata’ pode possuir, será que a proferir ou defendê-la afetará o valor da mulher negra? Para além de uma crença sobre um determinado aspecto, é importante compreender o efeito do discurso que recai sobre o outro. Silva (2018) afirma que no que se refere à tradução de obras ligadas à literatura afrodescendente, traduzir palavras como escravo/a e mulato/a, por exemplo, se torna uma atividade complexa. Segundo a autora, movimentos negros brasileiros – como Geledés e ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros) – rejeitam o uso desses termos. Isso ocorre devido a carga pejorativa que as palavras possuem e as histórias ligadas a elas, pois relembram um passado difícil e violento. Assim, pode-se dizer que as expressões proferidas manifestam o pensamento que o indivíduo possui sobre determinados assuntos e, conseqüentemente, causam um certo efeito ou reação no outro. Apesar de Sérgio Nascimento não negar que Marielle é uma mulher negra, se faz necessário considerar o significado do vocábulo utilizado, tendo em vista seu teor racista para mulheres negras.

---

<sup>4</sup> A matéria utilizada está disponível no Portal SRDZ. <<https://www.srzd.com/brasil/sergio-camargo-diz-marielle-franco-nunca-foi-preta-resgate-termo-mulata/>>

Sendo um dos maiores recursos midiáticos, a rede social revela uma diversidade de pontos de vista sobre determinados assuntos e nela há liberdade para conhecer e analisar os argumentos do outro. Contudo, há uma preocupação quanto a ponderação sobre argumentos que podem ferir o sujeito, apesar de o usuário acreditar ou não em um dado pensamento.

Isto posto, observa-se que são muitos os pensamentos ligados ao vocábulo ‘mulata’ na rede social X, seja em sua defesa ou repúdio. Além disso, verifica-se que o termo também foi utilizado por Rosaura Eichenberg na tradução de ‘As aventuras de *Huckleberry Finn*’, obra escrita por Mark Twain, como forma de reproduzir o dialeto adotado pelo autor, mas sem propagar o racismo. Por fim, as técnicas apresentadas por Barbosa (2020) estão presentes na obra traduzida, conforme se esperava verificar nessa pesquisa.

## CONCLUSÃO

Tendo em vista as discussões relacionadas ao preconceito racial em ‘As aventuras de *Huckleberry Finn*’, de Mark Twain, o presente estudo teve como objetivo principal analisar a palavra ‘mulata’ em trechos da tradução realizada por Rosaura Eichenberg (2011), e averiguar quais procedimentos técnicos apresentados por Barbosa (2020) foram abordados nessa tradução. Além disso, o trabalho teve como intuito analisar como o vocábulo tido como pejorativo se apresenta na rede social X.

2963

Isto posto, os objetivos específicos desta pesquisa foram: a) verificar se os equivalentes em inglês da palavra ‘mulata’ indicam racismo no texto-fonte; b) verificar as estratégias tradutórias utilizadas pela tradutora do texto-fonte em relação aos trechos entendidos como racistas; c) averiguar de que maneira o vocábulo ‘mulata’ se manifesta atualmente na rede social X e em quais contextos discursivos é empregado?

Para estes fins, realizou-se uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva e adotou-se como aparato teórico-metodológico a Linguística de *Corpus*. A fim de averiguar como a palavra se comporta no *corpus* de estudo, utilizou-se como ferramenta exploratória o programa computacional *WordSmith Tools 6.0*, desenvolvido por Mike Scott (2012). Para observar o vocábulo no X, recorreu-se a opção ‘busca’ fornecida pela própria rede social. Desse modo, o *corpus* foi composto por dois trechos em inglês e suas respectivas traduções, além de duas publicações selecionadas do X.

Inicialmente, tratando do primeiro critério desse estudo, os resultados apontam que na maioria dos excertos não há manifestação do racismo por meio do equivalente em língua inglesa

do vocábulo ‘mulata’. Como visto na análise, ‘mulata’ se refere a *yaller* presente no texto em inglês. Ao ser inserida nos contextos observados, verificou-se que a palavra em inglês não foi adotada com tom ultrajante, pois o vocábulo não foi utilizado como ofensa à mulher negra. Diante do exposto, compreende-se, então, que o primeiro critério, ‘verificar se os equivalentes em inglês da palavra ‘mulata’ indicam racismo no texto-fonte’, foi contemplado.

Ao analisar os dois trechos traduzidos, verificou-se que os procedimentos tradutórios descritos por Barbosa (2020) que mais se aproximam são os de Adaptação e Tradução Literal. Eichenberg reconstrói a obra por meio da atividade tradutória através dos elementos fornecidos pelo português, mas produz o que acredita-se ser de efeito semelhante ao do romance em inglês. Desse modo, compreendendo as técnicas adotadas, entende-se que foi possível contemplar o segundo critério: verificar as estratégias tradutórias utilizadas pela tradutora do texto-fonte

Quanto aos *posts* do X averiguou-se que a palavra está presente na rede social e manifesta-se de várias formas, a depender do ponto de vista do usuário que a publicou. No caso dos *posts* selecionados para essa análise, observou-se que alguns excertos demonstraram o repúdio das pessoas com relação ao uso da palavra, já que é considerada uma ofensa. Desse modo, é necessária uma reflexão crítica acerca da adoção desse termo, pois “não utilizá-lo significa respeitar a vontade das mulheres negras que veem nele uma forma de racismo e depredação constantes desde a época da escravidão” (Silva, 2018, p. 81). Contudo, apesar das discussões associadas a desconsideração do vocábulo, também verificou-se em um dos *posts* selecionados a defesa da adoção do uso da palavra, ilustrando uma outra visão acerca do termo. Assim, pode-se notar que o critério ‘averiguar de que maneira o vocábulo ‘mulata’ se manifesta atualmente na rede social X e em quais contextos discursivos é empregado’ também foi atendido.

Dessa maneira, acredita-se que esse estudo pode proporcionar uma reflexão mais crítica relacionada ao uso de palavras ligadas à questão do preconceito racial, principalmente ao termo ‘mulata’. No ato tradutório de ‘As Aventuras de Huckleberry Finn’, conclui-se que a palavra é utilizada como forma de transferir o sentido presente na obra, já que Eichenberg realiza uma tradução dialetal. Entretanto, em se tratando do uso do termo na rede social X, observou-se sua adoção sob diferentes perspectivas.

Portanto, espera-se que as constatações feitas nesse estudo possam suscitar outros trabalhos e pesquisas relacionadas à linguagem e ao racismo, especialmente em interlocução com a obra de Mark Twain. Para investigações futuras, sugere-se a realização de estudos

relacionados à análise linguística com foco em algum personagem específico do romance, averiguando a presença da linguagem dita preconceituosa e racista proferida por ele (a). Por fim, é válido ressaltar que esse trabalho é apenas um recorte diante de um amplo espectro a ser observado na obra.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAKHTIN M. **Problemas da poética de Dostoievski.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense, 1981

BARBOSA, Heloísa G. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta.** 3. ed. Campinas: Pontes, 2020.

CUNHA PSS, PAIVA JS. **A erotização da mulata na cultura brasileira.** V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Universidade Federal Fluminense, 2017.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos latinoamericanos**, [S. l.], v. 6, n. 10, 116-131, 2005.

FRANCISCO PAA. **A (in) aplicabilidade da lei do racismo (Lei nº 7.716/89) no Brasil.** 2965  
Monografia (Bacharelado em Direito) – Centro Universitário de Curitiba, Curitiba, 2021, p. 1-59.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANES. Dois pesos e duas medidas? Considerações acerca da tradução de variantes linguísticas norte-americanas negras e brancas para o português brasileiro. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 89-104, 2017.

KIRSCH, Adam. **Originais Alterados em Nome da Justiça. Estadão.** Janeiro de 2011.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; PEREIRA, Marcos Emanuel. **Esteriótipos, preconceito e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas.** 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, Niterói, v. 12, n. 12, p. 169-203, 2010.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing translation studies: Theories and applications.** 4. ed. London: Routledge, 2016.

NIDA, Eugene A. Theories of translation. **TTR: traduction, terminologie, rédaction**, [S. l.] v. 4, n. 1, p. 19-32, 1991.

QUADRADO, Jaqueline Carvalho; FERREIRA, Ewerton da Silva. Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. **Revista Katálysis**, São Borja, v. 23, n.3, p. 419-428, Dez. 2020.

RAMOS, Vera Lúcia. **Será Huckleberry Finn mesmo um romance racista?:** uma análise da obra, de algumas de suas traduções e do discurso racial no século XIX em narrativas sobre escravos sob a luz da Linguística de Corpus. 2018. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SARDINHA, Tony Berber. Linguística de corpus: histórico e problemática. **Delta: documentação de estudos em linguística teórica e aplicada**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

SCOTT, Mike. **Wordsmith Tools 6.0**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

SILVA, Liliam Ramos da. Não me chame de mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas/SP, v. 57, n. 1, p. 71-88, 2018.

SRzd, Redação. Sérgio Camargo diz que Marielle Franco nunca foi preta e defende resgate do termo 'mulata'. **Portal SRzd**. Novembro de 2021. Disponível em: <https://www.srzd.com/brasil/sergio-camargo-diz-marielle-franco-nunca-foi-preta-resgate-termo-mulata/>. Acesso em: 07 Jul. 2023.

TEODÓRO, Plínio. Sérgio Camargo diz que Marielle Franco nunca foi preta e usa termo racista. **Revista Fórum**, 24 novembro 2021. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/governo-bolsonaro/2021/11/24/sergio-camargo-diz-que-marielle-franco-nunca-foi-preta-usa-termo-racista-106596.html>. Acesso em: 07 abr. 2023.

2966

TWAIN, Mark. **The Adventures of Huckleberry Finn**. London: Penguin Popular Classics, 1994.

TWAIN. **As Aventuras de Huckleberry Finn**. Tradução de: Rosaura Eichenberg. Porto alegre: L&PM, 2011.